

**GUIA INSPIRACIONAL**

# **COMO ESTRUTURAR UMA CANDIDATURA COLETIVA**

---

**BANCADA  
ATIVISTA**

# ÍNDICE

**03 – INTRODUÇÃO**

**05 – PREMISSAS**

**07 – BREVE HISTÓRICO DA BANCADA ATIVISTA**

07 – O chamado inicial

09 – A proposta de 2016

12 – A proposta de 2018

18 – A Mandata Ativista

**19 – O QUE É UMA CANDIDATURA COLETIVA?**

22 – Por que uma candidatura coletiva?

25 – Montando a candidatura coletiva

30 – O nome na urna

35 – As cocandidatas

**38 – ACORDOS PARA EVITAR CONFLITOS**

**41 – COMO COMUNICAR**

**47 – OUTROS APRENDIZADOS**

**51 – CONCLUSÃO**

**52 – MATERIAIS LEGAIS**

# INTRODUÇÃO

A Bancada Ativista é um movimento que surgiu em 2016 a partir de um desejo por ocupar a política, compartilhado entre muitos ativistas. De lá pra cá, a gente vem experimentando e inovando na forma de levar para o poder legislativo de SP gente que verdadeiramente dedica suas vidas às causas em que acreditamos.

Neste guia, fazemos um esforço de compartilhar o que aprendemos sobre como construir uma candidatura coletiva, modelo adotado pela Bancada Ativista em 2018 para concorrer a uma vaga de deputada estadual em São Paulo. A vitória nas urnas levou a Mandata Ativista para a Assembleia Legislativa do Estado, e ajudou a consolidar esse modelo como uma opção para as eleições por todo o país.

Também publicamos um outro guia, sobre a construção de um movimento político eleitoral, baseado nas nossas experiências. Sua leitura é bastante complementar ao que apresentamos aqui. Para nós, a formação de um movimento precede a construção e o lançamento de candidaturas, pois o movimento dá suporte, ajuda a organizar e dá continuidade ao processo político.

Os objetivos aqui são compartilhar o que aprendemos e fortalecer as diversas iniciativas que vêm surgindo como candidaturas coletivas

para disputar eleições e eleger ativistas. Acreditamos profundamente no poder da construção coletiva e da experimentação e, principalmente, que quanto mais ativistas estiverem testando, inovando, remixando e dividindo seus aprendizados, mais o nosso campo se fortalecerá como um todo.

Por fim, vale dizer que esta não é uma receita pronta, e sim um conjunto de aprendizados de um processo cheio de desafios e erros, alegrias e conquistas, compartilhado entre diversas pessoas - incluindo você!

Aproveite :)

# PREMISSAS

Achamos importante deixar explícitos nossos interesses, nossas limitações e nossos desejos com este material, de forma transparente e aberta.

Pra começar, queremos que mais movimentos e candidaturas ativistas surjam pelo país! Movimentos e candidaturas que elejam mais mulheres, mais pessoas negras, indígenas, LGBTQIA+ e periféricas. Entendemos que a transformação da política só virá quando esses grupos ocuparem o poder e fizerem política a partir de sua experiência de vida. Queremos ver mais e mais ativistas que representam esses corpos eleitos, por meio de campanhas de baixo custo, alta intensidade e muito engajamento.

Queremos honrar o trabalho dos que vieram antes de nós e fazer parte de um campo que deixa um legado político e social para os que virão depois.

Temos interesse em compartilhar a nossa tecnologia de construção de um movimento político eleitoral e de criação de uma campanha coletiva, de forma gratuita e aberta. Por isso, esses materiais são licenciados como Creative Commons (segundo as normas da licença CC BY-NC-SA).

Nossa meta é compartilhar nossas escolhas, passar algumas receitas e apontar materiais e referências interessantes que nos inspiraram em nosso caminho. Assim, pretendemos fermentar a criação de outros movimentos que desenvolverão suas próprias fórmulas, para assim atingirmos resultados comuns e exitosos dentro do campo político que ocupamos. Essa onda não pode parar de se recriar e crescer. Por isso, quanto mais modelos surgirem por aí, melhor para todos nós!

Que sejamos criativos, ousados, engajados, ativos, inovadores e, principalmente, experimentais e solidários, para que possamos consolidar uma cena de transformações sociais a partir da política institucional em todo o país.

# BREVE HISTÓRICO DA BANCADA ATIVISTA

## O CHAMADO INICIAL

### **DAS RUAS ÀS URNAS, PRECISAMOS RESGATAR A POLÍTICA!**

De confluências municipalistas a novos partidos políticos, vemos diversas plataformas políticas cidadãos sendo construídas mundo afora: Barcelona en Común e Ahora Madrid na Espanha; WikiPolítica no México; Revolución Democrática no Chile; Partido de la Red na Argentina; Alexandra Ocasio-Cortez nos Estados Unidos; e Gobierno abierto de Nariño na Colômbia.

### **É NESSE CONTEXTO QUE SURGE A BANCADA ATIVISTA EM 2016.**

A chamada inicial veio de um post no facebook, que falava de uma bancada dos sonhos para o legislativo na cidade de São Paulo, defendendo do ambientalismo à luta antiproibicionista; da cultura ao empreendedorismo; do feminismo à economia solidária; da questão racial à mobilidade; do hacktivismo ao jornalismo independente; das festas de rua ao combate à corrupção, entre outros temas.

## **UMA CONVOCAÇÃO PARA CONECTAR CAUSAS E REDES DE CONFIANÇA COM O OBJETIVO DE OCUPAR A POLÍTICA.**

Ocupar a política se mostrou inevitável, pois tudo o que temos desenvolvido há anos na sociedade civil precisa permear o poder público. Também ficou claro que não era suficiente dialogar ou negociar com a classe política – teríamos que estar dentro dos espaços de tomada de decisão.

**O primeiro desafio era como romper o medo que tínhamos de dar esse passo.** Em meio a desconfiança generalizada em relação à política, tornar-se candidato estava longe de ser trivial para muitos ativistas. Os receios eram perder legitimidade na construção, sentir-se vendido ou meramente interesseiro – e o grande medo era sentir-se só nessa jornada.

**O segundo obstáculo era como fazer isso sem ser por um único partido político.** A lógica tradicional, respaldada pela lei eleitoral, diz que o lugar disponível para apoiar múltiplas candidaturas é o partido político. O problema é que os partidos têm dificuldades em se abrir para candidaturas que não emergem de sua militância. O desafio, então, era como criar um movimento não partidário que apoiasse candidaturas de diferentes partidos não coligados, dentro dos limites da lei.

**Por fim, precisávamos entender como fazer campanhas que não fossem corrompidas.** Sim, queremos eleger ativistas. Mas não do jeito tradicional. É mais notório que eleições, muitas vezes, são ganhas com práticas espúrias, altamente financiadas – com consequências diretas em como se exerce o poder. Se queremos transformar a política, precisamos mudar a forma como somos eleitos. Assim, o desafio aqui era como usar as tecnologias sociais e digitais, que desenvolvemos e aplicamos no ativismo, para fazer campanhas inovadoras e vencedoras.

## **A PROPOSTA DE 2016**

A Bancada Ativista surge a partir de redes de ativismo e de confiança construídas durante anos na cidade de São Paulo. Para começar, mapeamos ativistas que tinham interesse em se candidatar, alinhamos uma carta de princípios e práticas bem abrangentes (para evitar ter reuniões infinitas e rachas desnecessários) e partimos para a ação. Foi assim que nos definimos:

**“Somos um movimento pluripartidário de cidadãos e cidadãos da cidade de São Paulo, com atuação em múltiplas causas sociais, econômicas, políticas e ambientais, que busca ajudar a eleger ativistas para a Câmara de Vereadores nas eleições de 2016.**”

Visamos oxigenar a política institucional e promover os princípios e as práticas que defendemos, por meio de um formato colaborativo e pedagógico de campanha que fuja dos vícios da política tradicional.”

**FLERTAÇO ATIVISTA**  
**OLHO NO OLHO COM**  
**CANDIDATXS**

BANCADA ATIVISTA

SEXTA 02/09  
A PARTIR DAS 17H

PARQUE TRIANON  
(EM FRENTE  
AO MASP)



facebook.com/bancadaativista/

BANCADA ATIVISTA



QUER FLERTAR  
COM SEU CANDIDATO?

BANCADA ATIVISTA

SÁBADO 20/08  
AS 14H

LANÇAMENTO  
CAMPANHA

**MARCIO  
BLACK  
18111**



facebook.com/bancadaativista/

**SÂMIA BOMFIM**

50180 LANÇAMENTO  
CAMPANHA

DOMINGO  
28/08 ÀS 15H

BANCADA ATIVISTA



facebook.com/bancadaativista/

BANCADA ATIVISTA

**TODD  
TOMORROW**

50505 LANÇAMENTO  
CAMPANHA

SÁBADO 20/08  
ÀS 18H



facebook.com/bancadaativista/

**FLERTAÇO COM**  
**CANDIDATXS**

BANCADA ATIVISTA

5A-FEIRA,  
DAS 17H ÀS 19H  
/ VÃO DO MASP

VEM CONHECER  
A BANCADA  
ATIVISTA!



facebook.com/bancadaativista/

### Alguns materiais da campanha de 2016.

Em 2016, a Bancada Ativista apoiou 8 candidatos de 2 partidos diferentes (Rede Sustentabilidade e PSOL), selecionados a partir dos critérios abaixo apresentados:

 Pessoas dentro das **redes de confiança**, com as quais já havíamos construído processos e realizado ações conjuntamente;

 Pessoas **nunca antes eleitas**, por saber que elas têm menos vícios da velha política;

 Pessoas que fossem **ativistas com experiência sólida e legitimidade estabelecida** defendendo pautas progressistas;

 Pessoas com a predisposição para **fazer campanhas eleitorais de uma nova forma**, pois a forma tradicional leva diretamente à situação grave da política atual.

O resultado desse trabalho foi que a eleição de Sâmia Bomfim, como a mais jovem vereadora da cidade de São Paulo. As candidatas e os candidatos da Bancada Ativista, juntos, somaram mais de 73 mil votos. Assim, uma marca forte de movimento político eleitoral estava consolidada na cidade.

# TROQUE OS POLÍTICOS DE SEMPRE POR CANDIDATXS ATIVISTAS

www.banccadaativista.org



Candidatos apoiados pela Bancada Ativista em 2016.

## A PROPOSTA DE 2018

Durante o ano de 2017, houve muito questionamento sobre se e como a Bancada Ativista continuaria atuando. A história de sucesso conquistada com a vitória de Sâmia Bomfim, somada ao pioneirismo da proposta dentro do campo progressista, gerou convites para participar de debates e espaços de opinião sobre política e eleições, apresentações em universidades, além de dezenas de entrevistas para diferentes mídias.

Tudo isso colocava a marca da Bancada Ativista, cada vez mais, em evidência – e mais importante, comprovava uma das principais razões da criação do movimento: a renovação política era uma das pautas da vez e precisava ser feita pela sociedade civil.

Esse também foi o ano em que surgiram diversos outros movimentos políticos com atuações eleitorais por todo o país, como o Acredito e o Movimento Agora, mostrando que o novo campo de ação estava de fato se consolidando.

## QUEM, COMO E PARA QUÊ

O termo “renovação política” entrou em moda nos últimos anos – e, cada vez mais, é importante qualificar que tipo de renovação estamos buscando. A Bancada Ativista acredita em um debate sobre renovação que passe pelo quem, o como e o para quê.

Sobre o **quem**, entendemos que renovar a política não é apenas ter novos nomes, mas também novos corpos ocupando os espaços de poder – as mulheres, as pessoas negras, a população LGBTQIA+ e indígena, as pessoas com deficiência, os periféricos, as mães: os corpos que raramente ocupam espaços de poder na política ou na sociedade.

Sobre o **como**, acreditamos que a forma como se ganha eleições determina como vai ser o mandato. Por isso, defendemos campanhas de baixo custo e alta intensidade, encantando e mobilizando cidadãos para construir junto, trabalhando com conexão concreta com a cidadania.

Sobre o **para quê**, acreditamos que mandatos devem estar buscando dar voz aos mais vulneráveis e atuando cotidianamente para redução das desigualdades e das injustiças profundas em nossa sociedade. Isso começa por ter perspectivas de luta feminista e antirracista, mas também envolve pensarmos nos problemas cotidianos dos cidadãos, seja na saúde, na educação, na segurança, no meio ambiente ou em qualquer aspecto que impacta a todos nós.

Esse contexto, somado ao desejo de alguns membros de continuar a missão iniciada, com a consciência de que os desafios seriam outros e maiores tendo em vista que as eleições de 2018 não eram municipais, levaram à continuidade e a uma repaginada na atuação. A grande mudança estava relacionada ao plano de ação – e não à missão, à definição, à identidade, aos princípios e às práticas, que já estavam estabelecidas e continuavam se mostrando atuais e necessárias.

A ideia nunca foi ganhar por ganhar, e sim **realizar campanhas colaborativas, pedagógicas, pluripartidárias, efetivas e de baixo orçamento.**

Esses desafios foram os responsáveis pela consolidação da uma **candidatura coletiva para o cargo de deputada estadual**, que concorreu

e conquistou uma vaga. A legenda foi composta por Anne Rammi, Claudia Visoni, Chirley Pankará, Erika Hilton, Fernando Ferrari, Jesus dos Santos, Paula Aparecida, Raquel Marques e Monica Seixas – sendo Monica o nome oficial nas urnas, apresentado como Monica da Banca da Ativista, seguindo a determinação legal que exige um CPF específico por candidatura.

Sem entrar em muitos detalhes aqui, vale citar que eleitoralmente essa estratégia visava criar uma confluência de votos em torno de um único número na urna a partir da união de 9 ativistas que toparam participar dessa chapa singular. Foram **149 mil votos no total**, espalhados entre 89% dos municípios do estado de São Paulo, o que mostra que a narrativa da inovação política, se bem construída política e esteticamente, é capaz de transpor fronteiras geográficas e conquistar corações e mentes abertas e em busca de novidades na política para depositarem a sua confiança. Ao mesmo tempo, as Juntas também elegeram sua candidatura coletiva em Pernambuco.

As candidaturas coletivas<sup>1</sup> enquanto experimento político eleitoral estão se mostrando exitosas e se tornando uma referência para inúmeros grupos

---

1. Destacamos aqui mais uma candidatura coletiva que vale a pena conhecer: Mandato Coletivo, eleito em 2016 como vereador na cidade de Alto Paraíso, em Goiás.

políticos espalhados por todo o país. **As eleições 2020 foram marcadas pela multiplicação desse modelo coletivo** – chegando a centenas de iniciativas por todo o país. **Neste ano, surgiram também novas questões legais sobre como essas candidaturas devem se apresentar nas disputa eleitoral.**

Esse legado gera a esperança de que, em breve, teremos que repensar o modelo da representação social pautada exclusivamente em uma única figura (o vereador, o deputado, o senador etc.). Está comprovado ser humanamente impossível uma única pessoa dedicar atenção suficiente a todos os seus eleitores e cidadãos localizados na abrangência geográfica de sua atuação. Ninguém consegue entender sobre todas as questões que permeiam o universo legislativo nem comparecer aos diversos eventos em que é necessária a presença de um representante público com as atribuições políticas de um parlamentar.

## **POR QUE UMA CANDIDATURA A DEPUTADA ESTADUAL?**

A escolha de focar em uma candidatura para deputada estadual em 2018 se deu por alguns motivos. A principal razão é o fato de que a Bancada Ativista é um movimento local: nossa

meta é ocupar a política em São Paulo, o que é um desafio por si só. Assim, no nosso entendimento, estar em Brasília nos distanciaria do território e dos ativismos de São Paulo. Portanto, optamos por disputar uma vaga para deputada estadual, para ficar enraizados na cidade e expandir para o interior do estado. Além disso, de forma mais prática, consideramos que o número de votos e o valor de campanha para deputada estadual são mais baixos que para deputado federal. Por isso, acreditamos que conseguiríamos fazer uma campanha mais competitiva nesse âmbito.

# A MANDATA ATIVISTA

O mandato que está hoje em vigor na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) ganhou um nome próprio, **Mandata Ativista**, e se tornou um espaço no qual as codeputadas fazem política, no dia a dia, em prol das diferentes causas que já defendiam nas ruas, agora pelo estado de São Paulo.



As nove codeputadas da Mandata Ativista.

Algumas poucas pessoas da Bancada Ativista integraram o gabinete da Mandata Ativista em cargos técnicos, mas a governança e os processos do movimento e do mandato eleito se mantiveram autônomos, ou seja, com objetivos, equipes e tomadas de decisão independentes.

# O QUE É UMA CANDIDATURA COLETIVA?

Na política estamos acostumados a ver apenas os candidatos: aquela pessoa que apresenta suas ideias e pede sua confiança e seu voto. Por mais legítima e importante que seja a perspectiva de qualquer indivíduo se postular como candidato, um dos efeitos dessa dinâmica é individualização da política e a cultura do salvador da pátria – aquela pessoa que, se eleita, vai resolver todos os nossos problemas.

Entretanto, por trás da figura do candidato existe um time inteiro de pessoas que trabalham incansavelmente para tornar uma candidatura viável. A ideia de dar visibilidade ao coletivo que constrói uma candidatura deu origem ao termo candidatura coletiva – um termo que vem sendo usado no campo progressista há muitos anos para afirmar a existência da coletividade por trás da figura do candidato formal.

Porém, é importante evidenciar que existem diversos usos mais específicos do termo “candidatura coletiva”, que se popularizaram em eleições recentes. Em alguns casos, trata-se da tentativa

de vender uma horizontalidade superficial e, por vezes, até mesmo enganosa, sem qualquer divisão de poder real entre a pessoa que de fato é candidata e as outras que compõem a chapa. Em outros casos, há algum nível de divisão de poderes entre as pessoas envolvidas, mas uma dessas pessoas se destaca como figura principal e tem a palavra final nas tomadas de decisão, com os demais participantes sendo mais coadjuvantes do que protagonistas. Por fim, há casos em que todas as pessoas apresentadas como parte da candidatura coletiva têm o mesmo nível de protagonismo. Este último é o formato que a Bancada Ativista escolheu e que parece desafiar mais profundamente as formas tradicionais de fazer política.

O que nós fizemos em 2018 foi radicalizar o conceito e a prática de candidatura coletiva. Muitas vezes, quando se fala sobre candidatura coletiva, não se vê o coletivo. Nós pegamos o conceito de candidatura coletiva e o colocamos no centro da ética e da estética.

Na ética, ninguém era chefe de ninguém. O coletivo ia tomando as decisões estratégicas de forma horizontal, inclusive a decisão de quem seria o nome na urna – já que a lei exige o registro de um CPF específico.

Na estética, todos os nossos materiais apresentavam os integrantes como cocandidatas, tendo o mesmo destaque – e toda a narrativa era centrada no fato de que você não estava elegendo uma pessoa, mas sim um coletivo de ativistas.

Por fim, o formato que construímos girava em torno de um compromisso público de que todo o coletivo estaria trabalhando no mandato, caso ele fosse eleito. Esse compromisso consolidava a ideia de que a proposta coletiva não era só da boca pra fora.

Vale destacar que o formato que nós criamos foi baseado na Candidatura Coletiva de Alto Paraíso (GO), que, em 2016, elegeu um coletivo de 5 pessoas como vereador na cidade. No entanto, a candidatura coletiva que construímos em 2018, inspirada nessa experiência, tem suas diferenças. E certamente qualquer candidatura que se espelhe no que fizemos em 2018 será um outro remix, com suas peculiaridades.

Uma candidatura coletiva, vale registrar, é a etapa anterior ao mandato coletivo. Por isso, é muito importante conseguir correlacionar sempre a candidatura com o mandato, apresentando possibilidades concretas ao eleitorado.

## **POR QUE UMA CANDIDATURA COLETIVA?**

Antes de tudo, é importante dizer que construir uma candidatura e, especialmente, um mandato coletivo não é fácil. Se já pode ser complicado decidir onde almoçar em várias pessoas, imagina decidir estratégias, narrativas e práticas políticas em coletividade nos contextos tensos de uma eleição ou do dia a dia de uma casa legislativa.

Ainda assim, por apresentar o potencial de somar votos de diversas pessoas que não seriam eleitas sozinhas, a candidatura coletiva vem se apresentando como uma potente fórmula para novos nomes, especialmente, aqueles que não contam com muitos recursos financeiros para investir na campanha.

Após o êxito de campanhas como a da Bancada Ativista em 2018, é possível destacar as principais vantagens desse formato, que são:

- ◆ **Despersonalização da liderança política não só como narrativa, mas como prática.** Quando radicalizada em sua proposta, uma candidatura coletiva evidencia mais figuras públicas como corresponsáveis e acaba conquistando pessoas que tradicionalmente são desconfiadas de políticos que se apresentam como salvadores solitários.

● Legitimidade com diferentes grupos, territórios e temas sociais. Uma pessoa sozinha, por mais que dialogue com muitos grupos e temas, nunca conseguirá ter legitimidade em todos eles. Já em grupo, é possível ter representantes legítimos de múltiplos recortes sociais e agendas, o que por consequência gera uma aproximação de públicos distintos para uma mesma campanha.

● Otimização da agenda de uma campanha eleitoral. Uma candidatura composta por mais de uma pessoa pode participar de diversos eventos que acontecem ao mesmo tempo. Na prática, isso gera uma potência na campanha eleitoral quando comparada a de um candidato tradicional.

● Experimentação no campo da política. Se não houver experimentos, nunca haverá mudanças. Para fortalecer e aprofundar a democracia, é importante testar novas formas de gestão, formulação e execução na política – e aprender com seus acertos e erros. Candidaturas coletivas são um exemplo disso, ajudando especialmente a enfrentar desigualdades por abrir mais espaço para quem tem menos recursos financeiros.

Apesar do potencial eleitoral deste formato de candidatura, é recomendado que a opção pela

mesma seja uma estratégia muito consciente, baseada não apenas em cálculos eleitorais, mas na vontade de inovar na forma de fazer política. Se exitosa, a campanha se tornará um mandato colaborativo com 4 anos de trabalho pela frente – período muito mais longo que de uma campanha, o que vai exigir muita dedicação e resiliência dos seus participantes. Se uma candidatura coletiva genuína já é desafiadora, uma fake tem chances muito maiores de dar errado.

A Bancada Ativista decidiu por criar uma Candidatura Coletiva para um cargo de Deputado Estadual em 2018 por algumas razões:

- A importância de continuar inovando na forma de atuar politicamente, já que como movimento político eleitoral tinha alcançado êxito em 2016, justamente pelo caráter inovador da sua curadoria de candidatos. A meta do movimento é estar sempre experimentando e provocando o sistema a mudar para melhor, para que o mesmo responda às demandas da sociedade de maneiras que fortaleçam e aprofundem a democracia
- O fato de uma vaga de deputado estadual em São Paulo demandar uma quantidade muito maior de votos que uma vaga de vereador desta cidade. Essa matemática

levou o movimento a pensar em uma estratégia mais efetiva para uma campanha de baixo orçamento, sem perder de vista a premissa anterior.

- A perspectiva de que a possível vitória e o ingresso das codeputadas na vida legislativa seriam uma escola prática de política, ampliando o acesso de perfis variados ao sistema e ajudando a multiplicar os ativistas políticos dispostos a enfrentar eleições
- A leitura de que candidaturas coletivas ainda não eram tão populares enquanto formato. Por isso, o modelo que poderia gozar do frescor de ser algo novo no universo político para atrair um eleitorado grande e diverso

## **MONTANDO A CANDIDATURA COLETIVA**

Segue abaixo uma sugestão de passos a serem seguidos para se estruturar uma candidatura coletiva.

### **1. Estudo da composição de um gabinete.**

A candidatura, se eleita, se tornará um mandato – e é importante combinar antecipadamente como a composição do gabinete se dará. O primeiro passo

para isso é descobrir quantas pessoas compõem a equipe de um gabinete na casa legislativa para a qual vocês buscam ser eleitos, entender se as vagas disponíveis para gabinetes são limitadas a perfis profissionais específicos ou se são livres para contratar pessoas com outras qualificações, e, ainda, quais outros critérios ou pré-requisitos formais existem para contratações caso existam. Essas informações são essenciais para determinar o tamanho da chapa e a quantidade de pessoas do tipo 'figuras públicas' que farão parte da candidatura – se um gabinete só tiver cinco vagas, por exemplo, uma candidatura coletiva com mais de cinco pessoas não permitirá que todas sejam contratadas caso eleitas. Na campanha, vale compartilhar esse aprendizado com o público em geral, além de apresentar onde as cocandidatas se encaixam e como atuarão na prática caso eleitas. Porque as pessoas desconhecem como funciona a vida parlamentar e questionam muito as garantias de execução da proposta.

**2. Definição do perfil da candidatura coletiva.** Aqui estamos falando da sua identidade, das principais bandeiras, em que características será ou não será diversa,

se o seu foco será temático ou territorial etc. Parte dos detalhes só serão definidos quando o grupo de cocandidatas já estiver consolidado, mas é importante começar a pensar nisso desde que a ideia de uma candidatura coletiva surgir. Ter uma noção clara de qual o papel dentro do jogo político que se quer com a candidatura e o porquê é bastante estruturante para envolver pessoas e fazer uma construção coletiva sólida. Aqui, um ponto importante de reflexão tem a ver com a trajetória política das pessoas a serem envolvidas: a chance de conflito é maior se a candidatura tentar juntar pessoas de partidos ou correntes partidárias diferentes, ou se tentar juntar pessoas com formas de atuação política diferentes (ex.: uma candidatura coletiva que misture membros de movimento social de base e pessoas que vem do mundo das ONGs tende gerar debates mais complexos do que se fosse composta apenas por pessoas de um desses dois universos)

**3. Construção de mapa de atores.** Fazer um levantamento livre de possíveis nomes para compor ou apoiar a chapa é um exercício superinteressante. Também vale a pena pensar em outras possíveis candidaturas com quem se disputaria votos. Cada

nome trazido gera reflexões profundas sobre o que essa pessoa representa, com quem ela dialoga e suas potencialidades dentro do universo da política institucional. Um mapa bem feito ajuda muito na construção de boas articulações para transformar os planos em realidade.

**4. Convite para compor a candidatura coletiva.** Caso o grupo de cocandidatos não esteja fechado desde o início, e haja interesse em envolver mais gente, é importante separar bastante tempo para apresentar a ideia a novas pessoas, entender se haveria interesse em participar, e construir as condições para que essas pessoas se tornem parte do processo tanto quanto todas as demais. Mesmo que ao final não haja interesse dessas pessoas em participarem da cocandidatura, vale estender o convite para participarem e apoiarem a construção de outras formas.

**5. Acordos pré-campanha.** Quanto mais atenção for colocada na construção de acordos cuidadosos e detalhados antes de colocar a candidatura coletiva na rua, maiores serão as chances de dar certo. Essa é uma etapa tão essencial que há uma seção apenas sobre isso adiante.

**6. Definição do nome na urna.** Candidaturas coletivas ainda não são previstas em lei, nem reconhecidas pelo TSE – ou seja, não são nem proibidas, nem explicitamente permitidas. Por esses motivos, é preciso escolher uma pessoa para assumir legalmente o papel de candidata, que também será oficialmente a parlamentar se a candidatura for eleita. O processo de definição desse nome também é tão importante que há uma seção apenas sobre isso adiante.

**7. Desenho das pautas e propostas.** Para concluir a estruturação da candidatura, é preciso definir quais pautas e propostas serão defendidas. Pode ter diversos formatos: um programa, uma apresentação de princípios e valores, uma lista das agendas prioritárias, ou uma apresentação dos membros que compõem a candidatura coletiva e os temas em que trabalharam ao longo de suas vidas. O importante é ser um formato que represente bem o grupo, que não cause discordâncias e que seja palatável ao público geral ou a um público específico, conforme o perfil do eleitorado que se pretende alcançar. Vale destacar que poucas pessoas escolhem os seus candidatos a partir da análise detalhada

de propostas – então, recomendamos limitar-se a pontos essenciais de forma bem resumida, de modo que seja simples apresentar por aí.

## **O NOME NA URNA**

Como mencionado anteriormente, candidaturas coletivas ainda não são previstas em lei, nem reconhecidas pelo TSE. Ou seja, não são nem proibidas, nem explicitamente permitidas.

Porém, a lei é clara em determinar que o nome na urna precisa ser de uma pessoa específica: enquanto toda a construção política e narrativa pode ser coletiva, só uma das pessoas envolvidas será a representante oficial da candidatura – registrando-se formalmente como candidata, aparecendo na urna e, em caso de sucesso das eleições, se tornando legalmente a parlamentar. As demais pessoas envolvidas podem ter o mesmo protagonismo na construção e trabalhar no mandato contratadas como assessoras, mas, aos olhos da lei, só uma delas pode desempenhar oficialmente o papel de candidata e representante eleita.

Assim, as responsabilidades de quem assume esse papel acabam sendo maiores que as do resto do grupo. Por um lado, essa pessoa fica com os riscos de uma possível prestação de

contas erradas e de problemas com a quitação eleitoral, que podem gerar problemas como a impossibilidade de lançar nova candidatura ou assumir qualquer cargo público. Por outro lado, ela terá alguns poderes formais que as demais não terão (incluindo a possibilidade de tomar para si o mandato eleito caso haja vitória nas urnas) e, provavelmente, também aparecerá com mais destaque na mídia.

Isso torna muito importante o processo de definição do seu nome. Em primeiro lugar, é importante haver total confiança entre membros do grupo e total clareza nos acordos para evitar surpresas. Além disso, já que essa pessoa, provavelmente, atuará sozinha nas sessões parlamentares e em outros espaços formais onde o acesso for restrito, é importante levar em consideração habilidades pessoais como retórica, articulação e formulação política. Vale também considerar a relação com o partido político pelo qual a candidatura será lançada, que idealmente deve ser bastante consolidada (essa pessoa precisará estar filiada ao partido para concorrer). E é relevante avaliar a representatividade de seu perfil, suas redes de apoio, o perfil e alcance nas redes sociais. Acima de tudo, precisa ser uma pessoa profundamente comprometida com o projeto político da candidatura, já que é a única que não poderá

abandonar o barco depois das eleições em hipótese alguma – senão todo o coletivo perde o mandato conquistado.

O contexto local pode e deve ser um elemento considerado para a definição desse nome. Em tempos de inovação política com novos corpos, vozes e visão de mundo, escolher o representante a partir da carência de representantes de determinados recortes sociais pode ser um grande ativo. Leia-se carência como ausência de representação proporcional de um determinado grupo nos espaços de poder institucionais. O recorte pode ser de gênero (mulheres), raça (negros e indígenas), orientação sexual e identidade de gênero (representantes LGBTQIA+), pauta (meio ambiente, cultura etc.) ou território (periferias). É preciso identificar no grupo quais as principais identidades e bandeiras, fazer um cruzamento com a realidade local e suas demandas, e usar isso para ajudar a definir quem estará na urna como representante formal da candidatura.

No caso da Bancada Ativista, nossa candidatura coletiva em 2018 foi registrada em nome de Monica Seixas, aparecendo na urna como Monica da Bancada Ativista (leia o box “Burocracias importantes em torno do nome na urna” para entender melhor). Monica é mulher,

negra, do interior de São Paulo, conhecida por seu ativismo em pautas relacionadas a meio ambiente, gênero e raça. A decisão pelo seu nome se deu de forma coletiva a partir de um processo sociocrático com facilitação externa, que contou com diversas rodadas de escuta com a participação de todas as candidatas e alguns membros do movimento. Vale destacar que desde o começo da construção da candidatura coletiva, todas as cocandidatas sabiam da possibilidade do seu nome não ser o escolhido – e estavam de acordo com isso. O convite foi para uma construção horizontal, na qual não fazia diferença qual a posição que cada um ocuparia, já que o mais importante era a coletividade. Assim, a decisão foi feita de forma estratégica, e todos chegaram à conclusão de que Monica tinha o perfil mais adequado.

## **BUROCRACIAS IMPORTANTES EM TORNO DO NOME NA URNA**

Falando literalmente sobre o nome que aparece escrito na urna, a lei determina que seja um nome pelo qual a candidata é conhecida oficialmente. A foto na urna também deve ser apenas dessa pessoa.

Ou seja, enquanto Francisco Everardo Oliveira Silva pode aparecer como Tiririca, nós não pudemos apresentar Monica Seixas como Bancada Ativista, e nem usar uma foto coletiva. Por conta disso, escolhemos o nome Monica da Bancada Ativista.

O risco de não seguir essas determinações legais e tentar usar um nome e uma foto que se referem à coletividade (e não a uma pessoa específica) é que o Tribunal Regional Eleitoral pode te obrigar a fazer uma mudança no meio da campanha eleitoral. Se isso acontecer, as consequências para esforços de comunicação podem ser sérias – tudo precisará ser mudado, arriscando gerar despesas e confundir eleitores.

Vale destacar que esse é um tema ainda em disputa, e debates em torno dele se intensificaram nas eleições de 2020. Por um lado, algumas candidaturas buscaram usar na urna apenas o nome de sua coletividade, e muitos defendem

que isso passe a ser explicitamente aceito na legislação eleitoral. Por outro lado, também houve reverses na Justiça com base na lei atual - sendo o caso mais grave o da Orientação Normativa número 2 aprovada pelo TRE de Pernambuco, que proibiu o uso de qualquer expressão no nome na urna sugerindo ao eleitor que o mandato será exercido coletivamente. Nas próximas eleições, precisaremos continuar lutando pelo direito de nos apresentarmos coletivamente.

## **AS COCANDIDATAS**

Antes de mais nada, precisamos deixar claro que o termo cocandidata faz parte da inovação política das candidaturas coletivas – e não é reconhecido oficialmente. Porém, como toda inovação, precisa ser criado e apropriado por um campo de atores cada vez mais amplo, para depois passar a receber a atenção de órgãos competentes e conquistar pessoas dispostas a disputar o seu reconhecimento legal.

As cocandidatas são, portanto, as pessoas que compõem a chapa coletiva como figuras públicas e terão suas imagens expostas como tal. Participarão da construção da candidatura coletiva de forma horizontal, ajudando a pautar os temas de trabalho, as bases eleitorais, as articulações políticas, a comunicação e a iden-

tidade do projeto como um todo. Farão política em nome da candidatura e são partes igualmente centrais e legítimas da construção.

Vale dizer que a própria pessoa com o nome na urna é também uma cocandidata, ocupando o mesmo espaço de construção apesar das particularidades formais de seu papel apresentadas acima. Ou seja: politicamente, todas as cocandidatas têm a mesma relevância daquela que é formalmente candidata.

É indicado que as cocandidatas sejam figuras públicas ou pessoas dispostas a se tornarem figuras públicas, reconhecidas pela sua luta e atuação social. Também é indicado que estejam confiantes na construção da sua cocandidatura, entendendo que receberão questionamentos o tempo inteiro e deverão estar aptas a mostrar na prática como a candidatura coletiva é uma construção sólida, embasada e com potencial real de impacto positivo.

Uma das principais forças de uma candidatura coletiva vem do fato de um grupo de cocandidatas ser capaz de alcançar redes mais amplas e diversas do que uma pessoa sozinha – agregando representantes legítimos de múltiplas pautas e territórios, e promovendo a mesma campanha em diferentes lugares ao mesmo tempo. Cocandidatas ativistas são pessoas

que estão participando ativamente na criação de uma nova forma de representação política, ao mesmo tempo que estão aprendendo como fazer campanhas inovadoras e de baixo orçamento. Se a chapa for eleita, também aprenderão na prática o funcionamento interno da política institucional e se tornarão mais capazes de incidir na cena política.

# ACORDOS PARA EVITAR CONFLITOS

É impossível listar uma totalidade de acordos que consigam dar conta da vida real e dos possíveis problemas de relacionamentos, expectativas frustradas, acordos descumpridos, dentre outros inúmeros desafios que cada jornada vai gerar. Porém, mesmo diante dessa impossibilidade, vale evidenciar que acordos precisam ser pensados antes de problemas surgirem justamente para prevenir dores de cabeça e construir uma base comum mais sólida para a candidatura – pensando em pontos centrais que evitem rupturas do grupo já nos seus primeiros passos.

A empolgação da campanha eleitoral e a potência da chapa coletiva arriscam levar o grupo a pular essa etapa dos acordos, o que pode gerar grandes dissonâncias durante o processo da própria campanha e exaurir energias do coletivo em momentos desafiadores. Por isso, é recomendado que acordos já comecem a ser desenhados antes do lançamento da campanha, assim que forem decididos os nomes que participarão da candidatura coletiva – e a partir disso, sejam complementados sempre que necessário.

Aconselha-se que os acordos sejam pensados para dois momentos: para a campanha eleitoral e para o possível mandato. Seguem abaixo sugestões de pontos a serem discutidos:

- 1.** Formatos de tomada de decisão, inclusive para casos de conflito<sup>2</sup>;
- 2.** Limites éticos individuais e do coletivo;
- 3.** Processo para escolha do nome que vai para a urna;
- 4.** Desejos, expectativas e capacidades pessoais de cada uma das pessoas envolvidas;
- 5.** Pautas, territórios e públicos que serão priorizados (e que não serão endereçados) pela candidatura, e como elas se dividem entre as cocandidatas;
- 6.** Forma de relacionamento com o partido político pelo qual a candidatura será lançada;
- 7.** Qual será o uso de recursos financeiros captados para fazer campanha;
- 8.** Como será contratada e/ou mobilizada de forma voluntária a equipe de campanha;

---

**2.** Leia o nosso guia “Como construir um movimento para eleger ativistas”, onde são listados alguns formatos de tomadas de decisão.

- 9.** Como funcionará o gabinete caso a candidatura seja eleita – especialmente, divisão de cargos, salários, emendas parlamentares e responsabilidades;
- 10.** Qual será o papel das cocandidatas na campanha e no mandato – se será um papel apenas político ou se desempenharão funções técnicas e operacionais;
- 11.** Uso da imagem dos indivíduos – se todas as imagens de campanha retratarão a coletividade, se podem ser usadas fotos individuais ou de subgrupos, etc;
- 12.** Medidas de autocuidado e de cuidado coletivo.

# COMO COMUNICAR

Em primeiro lugar, é preciso dizer que estamos falando da comunicação de uma campanha eleitoral, que precisa seguir todas as normas da Justiça Eleitoral com muita cautela para não gerar riscos de impugnação. Dito isso, é possível pensar de forma criativa, usando os vários perfis que compõem a candidatura coletiva para torná-la mais potente que candidaturas tradicionais.

Para começar, por mais que pareça super claro o que é uma candidatura coletiva para quem a compõe ou apoia, para a maioria das pessoas o conceito é novo e pode ser confuso. Ainda é necessário muito trabalho de explicação sobre o que quer dizer na prática essa inovação.

Eleitores geralmente apresentam dúvidas sobre o que as várias pessoas que compõe a candidatura irão fazer, como irão trabalhar juntas, como serão remuneradas, como lidarão com divergências internas. Esse conteúdo não é simples de apresentar em materiais de comunicação, mas precisa aparecer de forma clara e sintética nas peças de campanha, e de forma detalhada em espaços como o site oficial. É importante também sempre buscar uma linguagem simples e de fácil compreensão (incluindo o apoio de

fotos e ilustrações), para que a mensagem seja assimilada sem dificuldades pelo maior número de pessoas possível.

## VOTE EM 1, LEVE 9



É importante explorar ao máximo o fato de ser uma candidatura coletiva, ou seja, apresentar a imagem das cocandidatas juntas no maior número possível de materiais. Essa imagem não faz parte do imaginário político atual, por isso, precisa ser apresentada muitas vezes para se tornar mais que aceitável, desejável.

Outro ponto importante, que faz parte do pacote de vantagens da candidatura coletiva,

é tentar valorizar cada indivíduo que compõe a candidatura, para que os mesmos sejam também vozes fortes e propulsoras da campanha. Evidenciar cada cocandidata em materiais que tratem das suas pautas de trabalho, garantir que todos tenham sua voz sendo apresentada e buscar para todos destaques em eventos são coisas que contribuem bastante para esse fim. Esteticamente, sugere-se que as fotos do coletivo sejam realizadas com as pessoas em várias posições diferentes, incluindo opções com cada um dos membros em destaque – assim, pode-se escolher a melhor, conforme o contexto. No site e em materiais de comunicação, apresentar as cocandidatas separadamente também é importante, sempre usando o prefixo “co”, porque somente a pessoa com nome na urna pode legalmente ser chamada de “candidata”.

A característica central do conjunto dos perfis que compõem a candidatura coletiva é superimportante e precisa estar evidente. Essa característica pode ser a diversidade, como foi o caso da Bancada Ativista, em que os perfis das cocandidatas eram muito diferentes entre si.

Na identidade visual, isso foi explorado com uso de Poderíamos ter escolhido um caminho diferente e focado em uma característica central temática, por exemplo, construindo uma

Bancada Feminista ou uma Frente Coletiva de Cultura, entre muitas outras opções – o que também precisaria ser trabalhado com cuidado em toda a comunicação.

**ERIKA  
HILTON**

**JESUS  
DOS SANTOS**

**CLAUDIA  
VISONI**

**PAULA  
APARECIDA**

**FERNANDO  
FERRARI**

**ANNE  
RAMI**

**RAQUEL  
MARQUES**

**MÔNICA  
SEIXAS**

**CHIRLEY  
PANKARÁ**

Em relação às redes sociais, é necessário (por determinação legal) que apenas um perfil ou página em cada rede social seja cadastrada como a página oficial de campanha, para poder ser impulsionada financeiramente. Postagens em nenhum outro canal ou perfil poderão ser impulsionadas, o que configura crime eleitoral – nem mesmo postagens de apoiadores que decidam fazer o impulsionamento por conta própria. Assim, os perfis pessoais das cocandi-

datas não podem receber investimento. Nesse cenário, é importante construir uma estratégia de campanha que por um lado aproveite a diversidade de alcance desses perfis, e por outro busque convergir ao máximo as curtidas e o público de um modo geral para as páginas oficiais de campanha.



Atrair voluntários da área de comunicação é muito importante, especialmente pessoas com experiência em design, produção de texto e produção de vídeo. Também é importante mobilizar apoiadores dispostos a espalhar materiais da campanha por todos os cantos,

online e offline. Com um bom time de cocandidatas e uma equipe sólida (ainda que pequena), mas disposta a jogar o frenético jogo eleitoral, é possível fazer uma comunicação poderosa – e mesmo que a candidatura não saia vitoriosa, pode deixar um legado bonito e ainda acumular aprendizados para uma nova tentativa no próximo ciclo eleitoral.

## OUTROS APRENDIZADOS

Compartilhamos aqui mais alguns aprendizados acumulados na experiência da Bancada Ativista nas eleições de 2018, que elegeu a Mandata Ativista:

 Construa acordos claros, materialize-os em documentos e revise sempre que necessário. Esses pactos de grupo evitarão muitas complicações e frustrações ao longo do processo.

 Crie uma candidatura coletiva de fato, ou seja, onde o peso e a voz de todos os participantes seja o mesmo. Não construa horizontalidades ilusórias (fakes) que enganam eleitores e desgastam o próprio conceito, afetando construções realizadas por outros grupos que não o seu.

 Busque formar um grupo com pessoas dispostas a participar com o mesmo entusiasmo mesmo se não forem escolhidas com o nome na urna. Esse é um diferencial de um time que acredita de fato na coletividade.

 Quanto mais pessoas na chapa, maior o potencial eleitoral. Porém, mais difícil serão as tomadas de decisão e a quantidade de conflitos. Construa uma chapa visando equilibrar bem o potencial eleitoral e a qualidade dos relacionamentos e dos processos.

Recomendamos evitar um grupo maior do que 5 pessoas.

 Confie nos potenciais individuais de cada integrante, buscando entender e respeitar as forças e os limites de cada um. Evite fazer comparações injustas entre os trabalhos de diferentes pessoas, porque isso gera apenas desgaste e uma desmotivação individual.

 Candidaturas coletivas compostas por perfis diversos tendem a atrair um eleitorado mais diverso e, por consequência, maior.

 Esteja atento às diversas formas de fazer política trazidas por cada membro. Pessoas que vêm de movimentos sociais de base fazem política de uma forma diferente das que vêm de ONGs, por exemplo. Uma candidatura ou mandato que misture perfis assim terá como força a possibilidade de dialogar com mundos diferentes – mas terá como fraqueza o fato de que o diálogo interno pode ser dificultado. Não existe certo ou errado, mas é importante ter plena consciência de qual é a composição da sua candidatura – e do que isso significa.

 Construir novas estéticas, narrativas e formatos de comunicação para falar sobre eleições tem se mostrado acertado, re-aproximando as pessoas da política, apesar das inúmeras crises

e dos esforços de criminalização presentes nos últimos anos. Não tenha medo de sair do padrão.

 Busque o apoio de facilitadores e mediadores externos ao grupo para ajudar em processos de tomada de decisão. A isenção de interesses pessoais trazida por pessoas com esse perfil pode ajudar a construir resultados onde todos se sintam mais contemplados.

 Terapia é um conselho que vale para pessoas em qualquer situação. Como uma campanha eleitoral pode ser avassaladora no sentido pessoal, familiar, social e financeiro, dentre vários outros aspectos, aconselhamos que todas as pessoas envolvidas façam se possível.

 Os nomes na urna contribuem diretamente para a mudança de indicadores de diversidade nas casas legislativas e na política como um todo, já que as estatísticas são construídas a partir deles. Se possível, tenham mulheres, negros e representantes de grupos minoritários como os porta-vozes da candidatura coletiva.

 Sistematize o que aprendeu. Esse é um campo novo onde as referências ainda são escassas, mas o potencial de crescimento é enorme. Organize, publique e compartilhe conhecimento adquirido.

 Junte-se! Enfrentar o sistema político em grupo é não apenas mais estratégico, como também mais gostoso. Fazer desse processo uma experiência de vida legal, de que se tenha orgulho e que deixe legados afetivos para além dos pragmáticos é essencial!

# CONCLUSÃO

Quando vista de longe, a Bancada Ativista pode parecer um movimento enorme, cheio de estrutura e experiência, que tem uma fórmula mágica para ganhar eleições. Na prática, sempre fomos um grupo pequeno de pessoas, que conta com o apoio de um grupo um pouco maior de pessoas, aprendendo enquanto faz.

O segredo da Bancada Ativista sempre esteve em juntar pessoas que têm interesse genuíno em influenciar os rumos da sua cidade e das suas causas por meio da política, que acreditam em experimentar e criar algo novo. Assim foi com a criação do movimento em 2016, com a candidatura coletiva em 2018 e com as novas propostas para 2020. Vemos o mesmo acontecer em outros movimentos de ocupação da política Brasil afora.

O fenômeno das candidaturas coletivas chegou para ficar: o sucesso de algumas das poucas experiências iniciais espalhadas pelo Brasil entre 2016 e 2018 levou a uma explosão em 2020. Com certeza existe muito espaço para o número de candidaturas coletivas eleitas crescer, e muito. Para chegar lá, a parte mais importante é: junte-se e acredite que é possível fazer diferente!

# MATERIAIS LEGAIS

- Estudo 'Mandatos Coletivos e Compartilhados – Desafios e Possibilidades para Representação no Século XXI produzido pela RAPS.
- Vídeo 'O que é uma candidatura coletiva?' realizado pelo Quebrando o Tabu.
- Conteúdo 'Mandato Coletivo: uma nova forma de compor um gabinete' produzido pelo Politize!
- Site da Juntas Codeputadas e Cartilha sobre os aprendizados de campanha e dos primeiros anos de mandato coletivo.